

*Baseado na obra de Manoelito de Ornellas*



# Gauúchos

# &

# Beduínos

## Mitos, Lendas e Estórias!

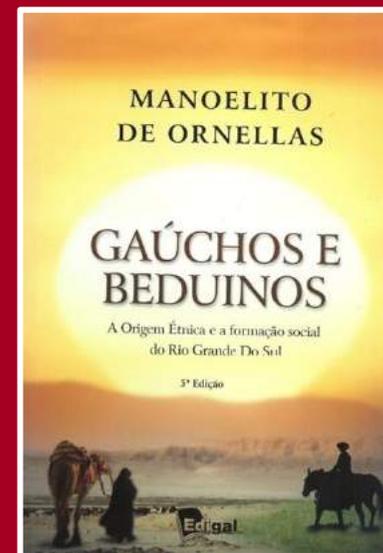


*Manoelito de Ornellas (Itaqui, 17 de fevereiro de 1903 -Porto Alegre, 8 de julho de 1969)*

*Foi um jornalista e escritor brasileiro. Está vinculado à vertente platina da historiografia riograndense, junto com Alfredo Varela.*

*Autor de diversas obras de cunho sociológico, entre elas a obra fundamental da cultura gaúcha e da cultura brasileira, Gaúchos e Beduínos, considerado um dos dez principais livros da sociologia brasileira.*

*Manoelito de  
Ornellas*



*Homemagem*



## *Edu da Gaita*

*Eduardo Nadruz (Jaguarão, 13 de outubro de 1916 - Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1982)*

*Filho de imigrantes árabes, foi um compositor e gaitista brasileiro, artisticamente conhecido por Edu da Gaita, começou sua carreira como um harmonicista prodígio, ao vencer trezentas crianças em um concurso de harmônicas quando tinha nove anos, em Pelotas, no Rio Grande do Sul.*

*Na década de 1930 mudou-se para São Paulo, onde teve diversos empregos, além do de cantor de tango. Tocou no Hotel Copacabana Palace (Rio de Janeiro), em cassinos e foi solista de orquestra sinfônica. Participou de muitas gravações acompanhando outros músicos.*

*Em 1957 gravou o Moto perpetuo de Paganini, originalmente escrito para violino e transcrito para a harmônica pelo próprio Edu. Além de gravar como solista, também tocou com o Sexteto de Radamés Gnattali e apresentou-se pela Europa e América do Sul.*

# *Homemagem*

## Raízes Beduínas para o Canto Gaúcho

*Livre, surgiu no deserto  
tripartido por amor  
à tenda, à lança, ao cavalo.  
Nômade, migrou no rumo  
que lhe apontava a inquietude  
na sina eterna de andar.  
Inconforme o sangue bérbere  
o faz aportar na Europa  
pra fazer história e Pátria  
ao comando de Tarique.*

*Maraghat, margem esquerda  
do grande rio solitário  
berço dos avoengos  
os que de lança e guitarra  
traziam desertos no olhar  
sob tormentos de cascos.  
Os estandartes do Islã  
conquistam o Velho Mundo  
fazendo casa e quintal  
nos altíplanos da Ibéria.*

*Por quase oitocentos anos  
beduínos ensinamentos  
modificaram a paisagem,  
artes, costumes, crenças.  
Surge a Espanha sarracena,  
fulguram raios de Allambra,*

*lendas, miragens, visões,  
lindas moiras encantadas  
cantam os cantos dolentes  
dos poetas de Sevilha.*

*No silêncio das montanhas,  
fixada a alma errante,  
vai dar vazão aos encantos  
das velhas canções mouriscas  
na plagência das guitarras.  
O tempo o vai esculpindo  
sem olvidar velhas crenças  
e um guerreiro libertário  
vai-se forjando “al despacio”  
no contraponto dos dias.*

*Por instinto e disnatia  
cruzou as distintas raças  
que foi montando a lo largo.  
Mais tarde, Mendonza trouxe  
pra pampa sul-ameríndia,  
da cruza moura-andaluz,  
os potros que alaram homens  
que honraram a cor do lenço  
e amaram belas mulheres  
no intermédio das guerras.*

*Entre Astorga y El Teleno  
Leão, província espanhola  
se aquerenciaram aos poucos.  
Bombachas largas, vistosas,  
jalecos, faixas bordadas,  
botas altas e sombreros,  
chasqueiros por profissão.  
Arrieiros vagos, no entanto  
migram por campos e mares  
rumo ao sul americano.*

*Uruguay – la pátria nueva  
del señor de lo desierto.  
Allí, el gaúcho maragato  
apareció en San José,  
fita roja en el sombrero  
con divisas de muy lejos  
“por mi pátria”, “por mi amor”,  
“Todo por la libertad”  
debajo de un cielo azul  
con los sueños por delante.*

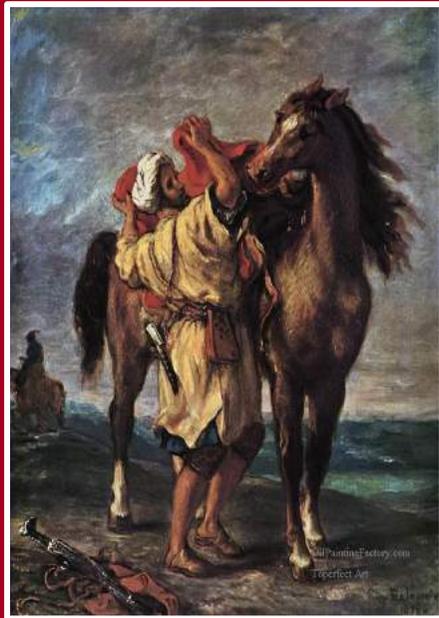
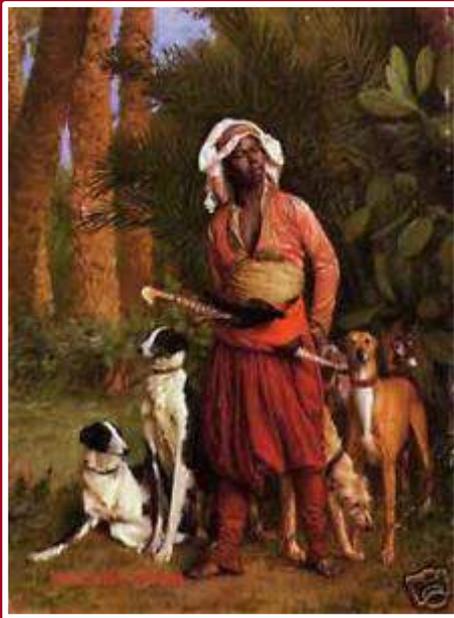
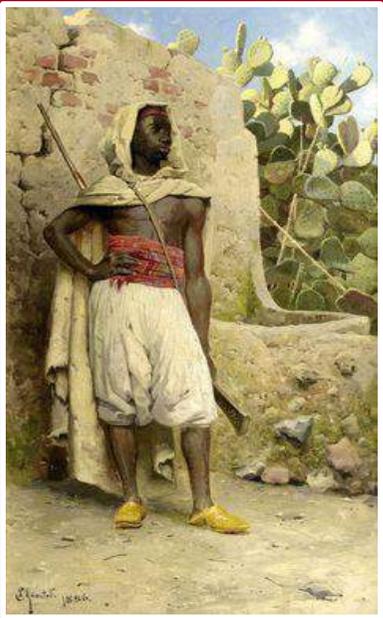
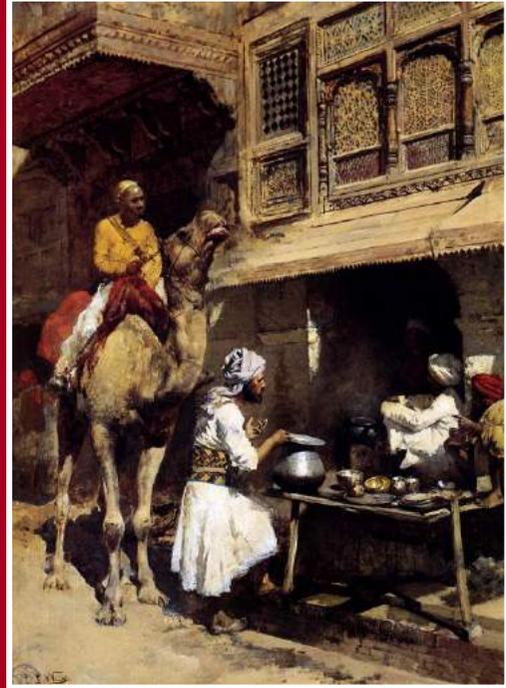
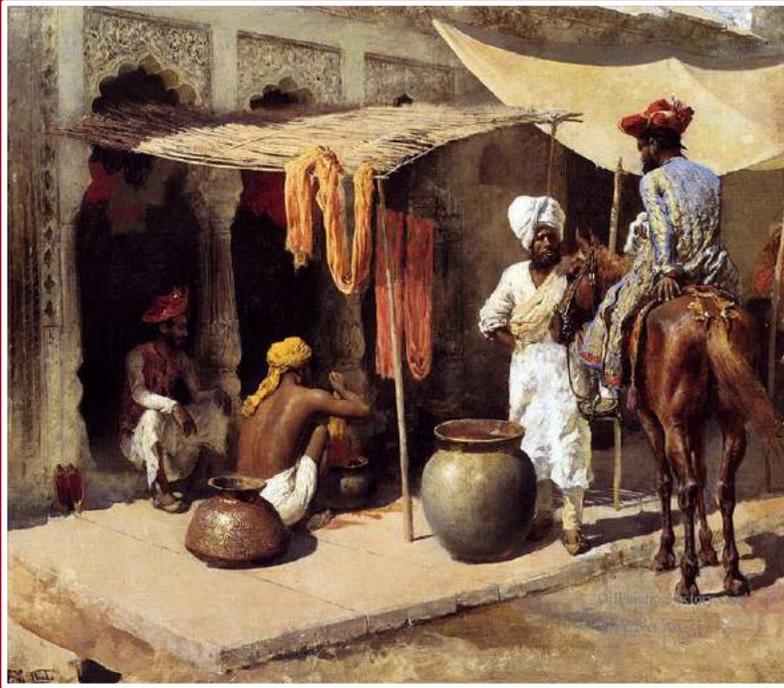
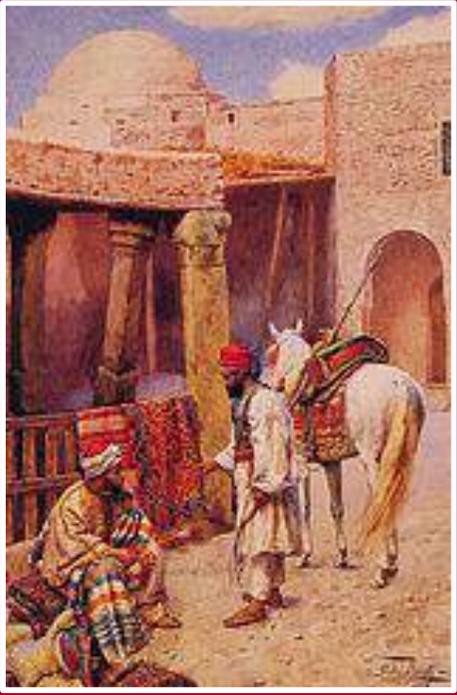
*Argentina, pampa larga,  
Também recebe “el moruno”,  
cavalgando a “la jineta”  
um flete, olhos de águia  
força de ventos e rios.  
La tierra Sul ameríndia*

*templó aun más su carácter  
payador y guitarrero  
fuerza y aliento de gigante  
corazon y alma de ñandubay.*

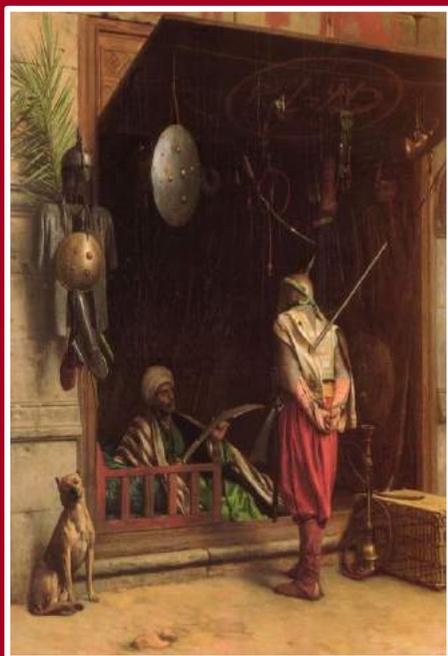
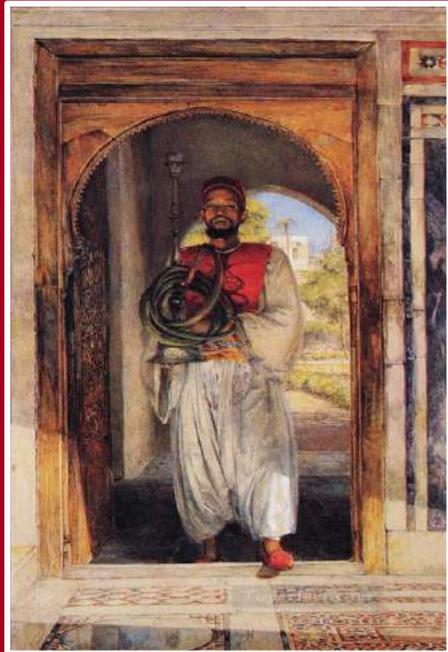
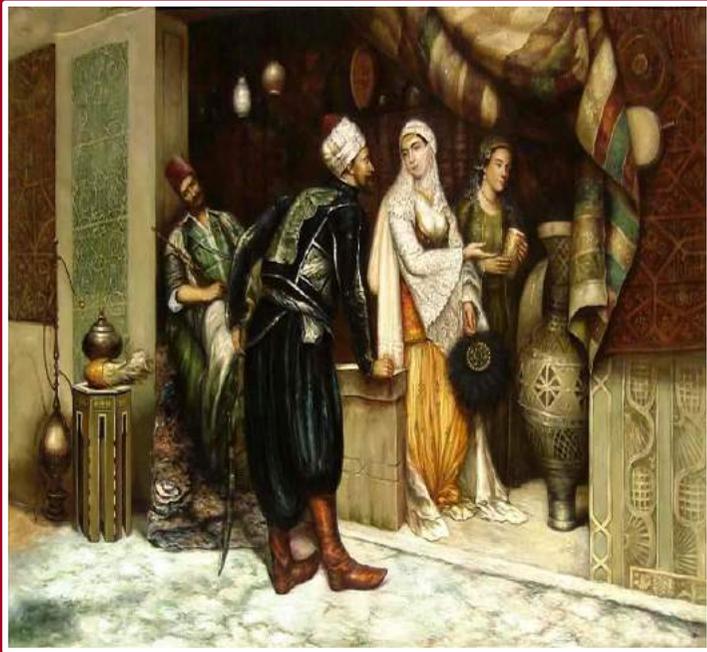
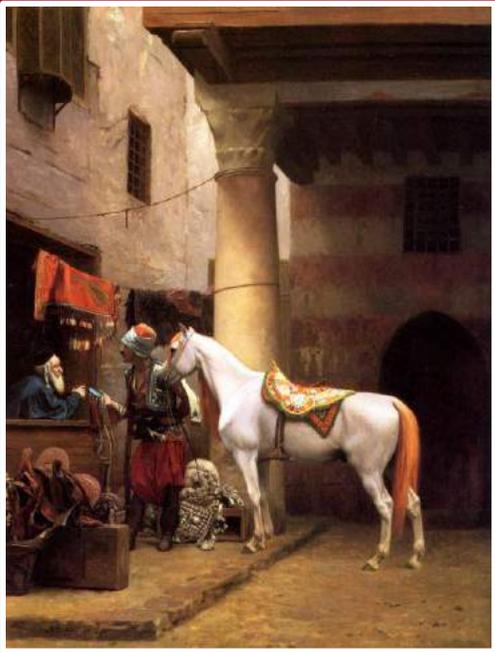
*93, clarinadas  
cavalarias em carga  
espadas em mãos de ferro  
lendárias “divisas rojas”  
nas hostes de Gumercindo  
invadem a pampa gaúcha  
de à cavalo entram na história  
viram lendas, causos, mitos,  
la gente noble y valiente  
rio grandense e maragata.*

*Nos tempos claros de paz  
andejos cruzam os campos  
dois idiomas para ‘el gaúcho’  
três bandeiras, um só canto.  
Habitam cifras, milongas  
no bojo das andaluzas  
que sonorizam a pampa  
como a quebrar o encanto  
da moura da Salamanca  
que se escondeu no Jarau.*

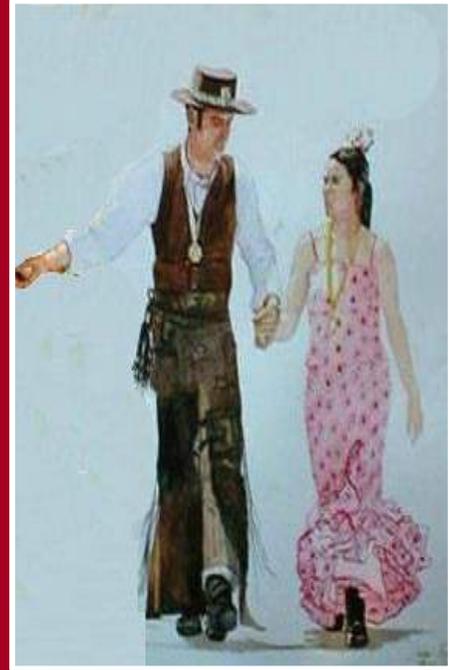
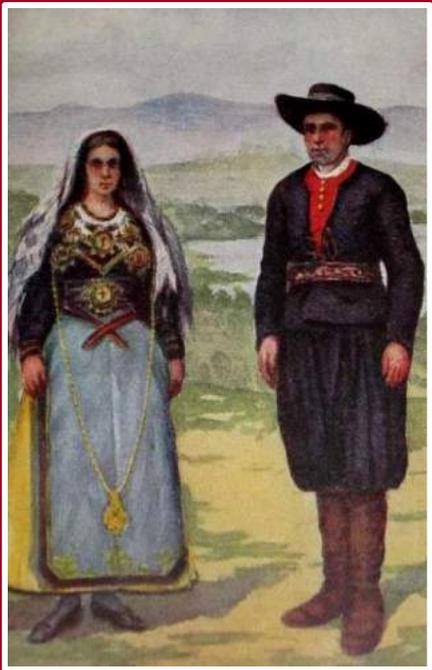
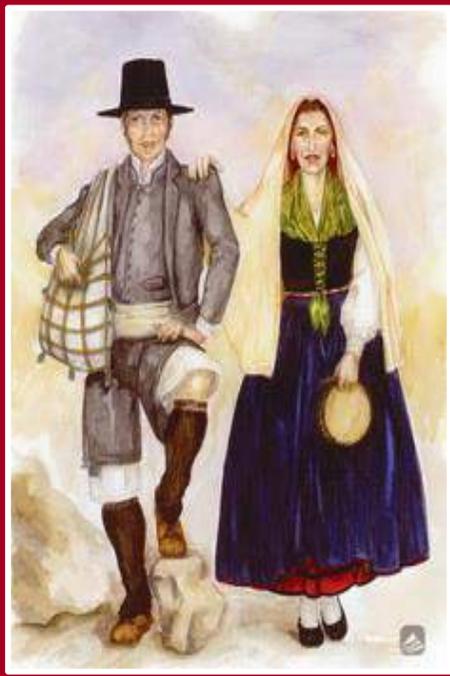
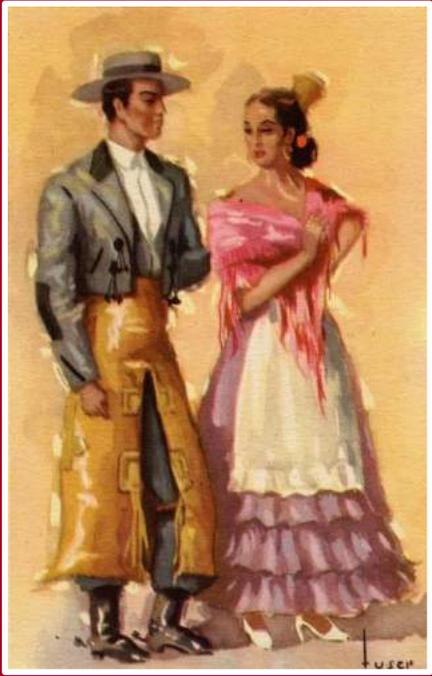
*Moises Silveira de Menezes*



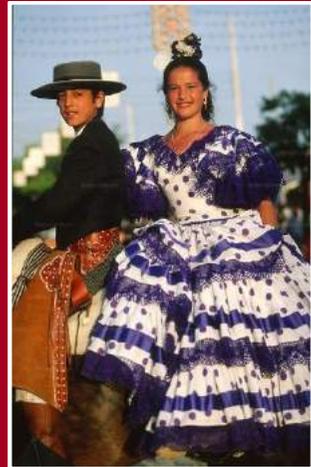
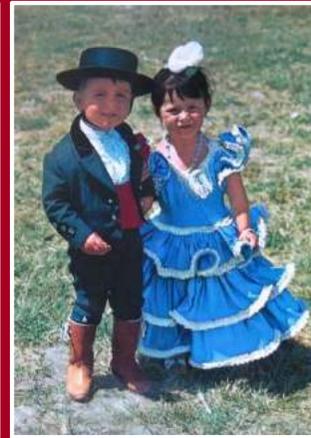
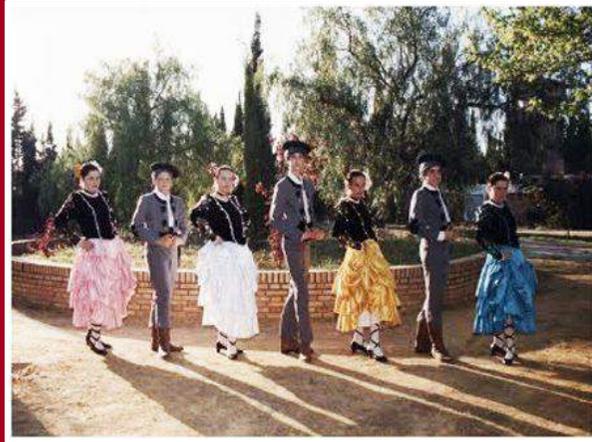
# Beduínos



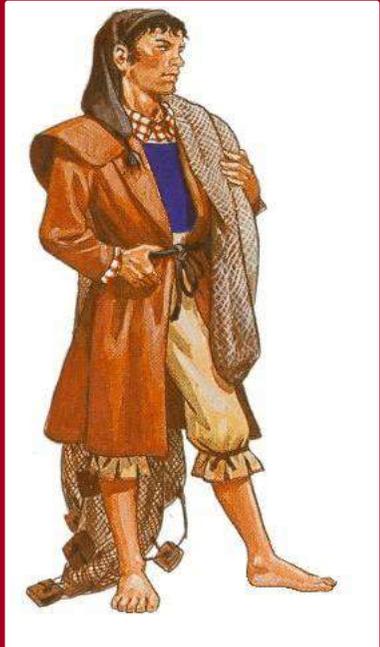
e Árabes

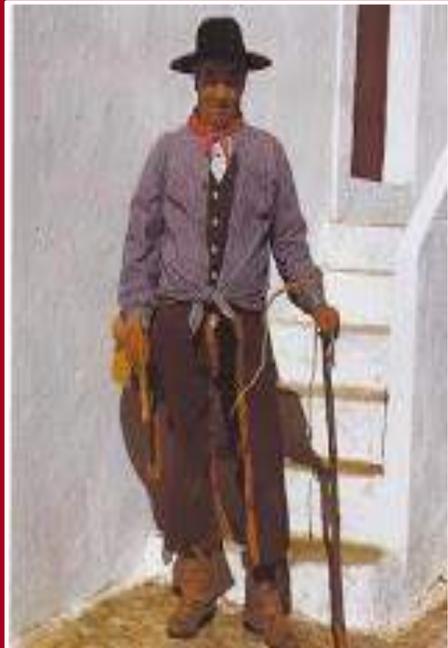
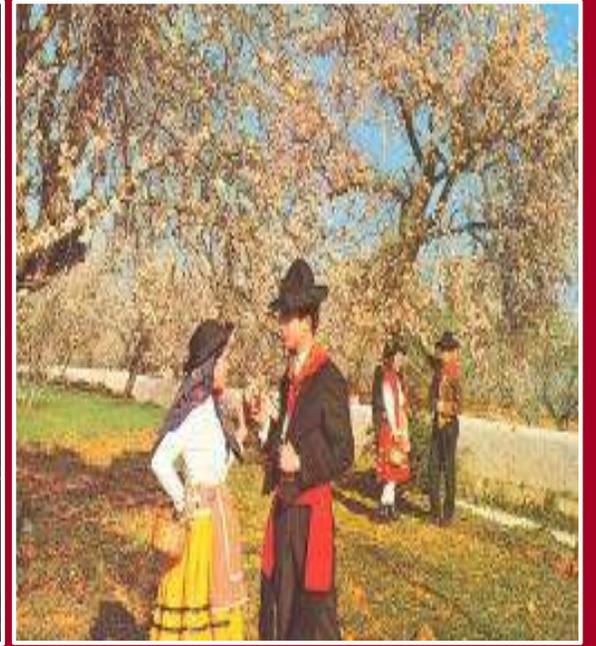


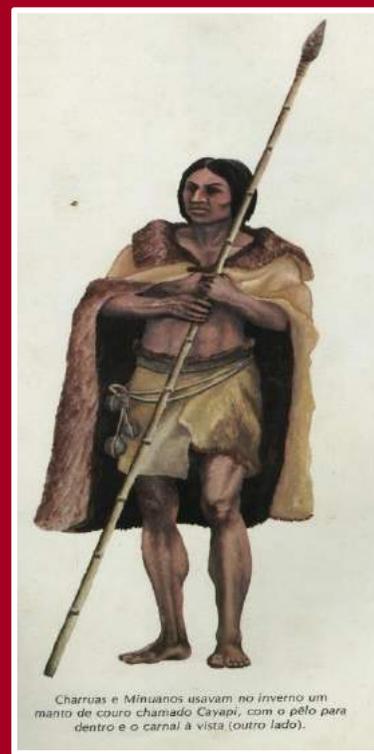
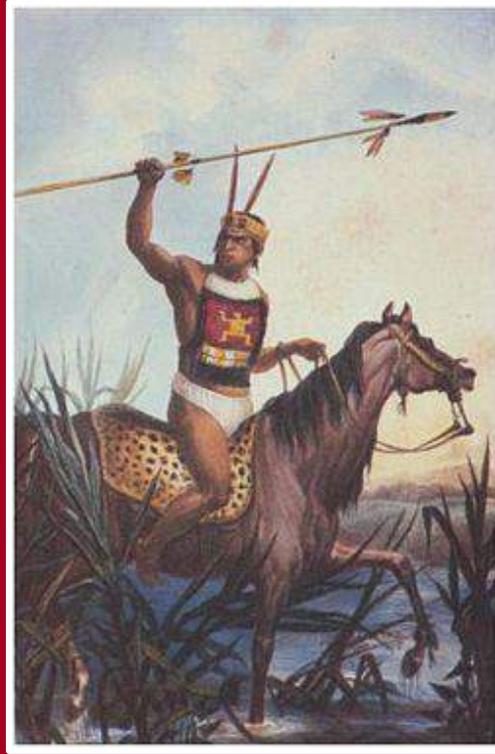
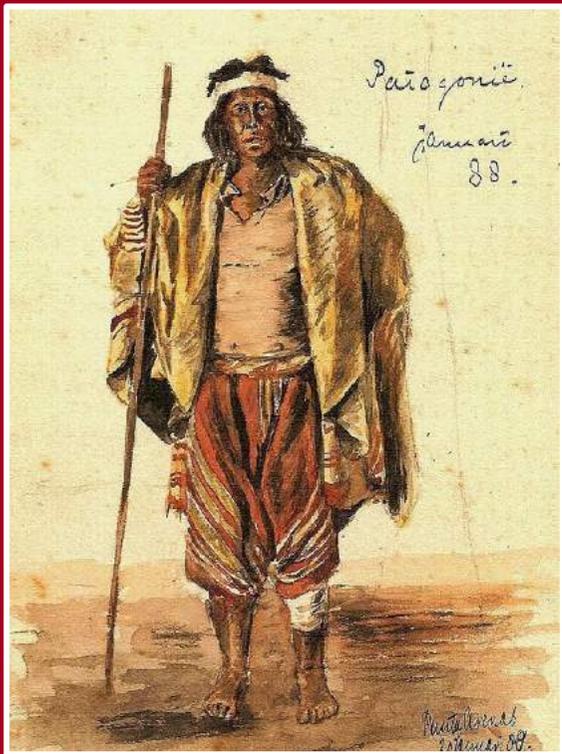
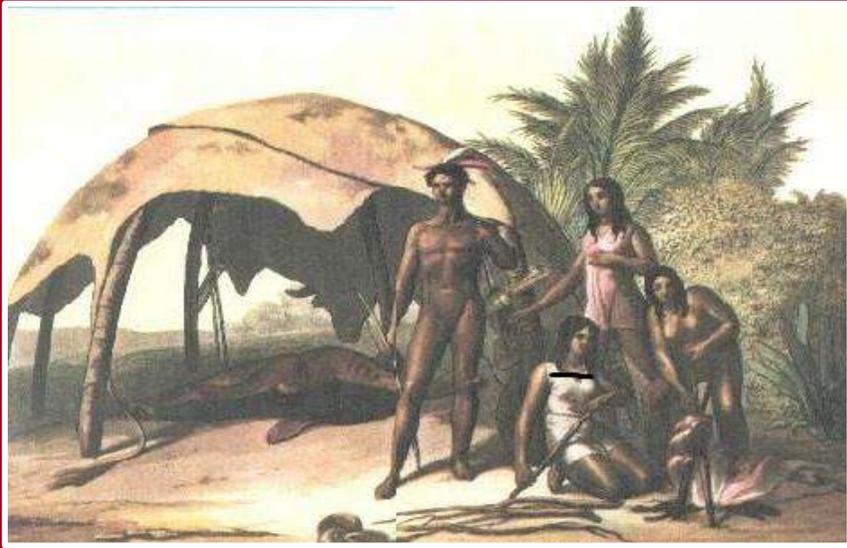
# Espanhóis



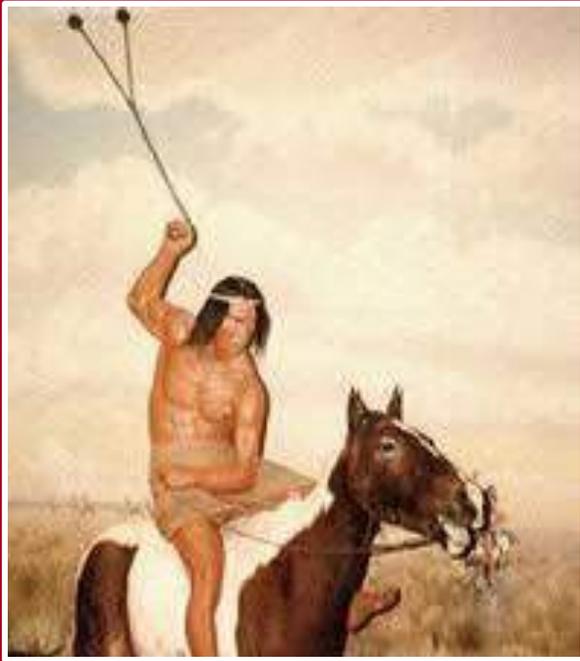
# Portugueses

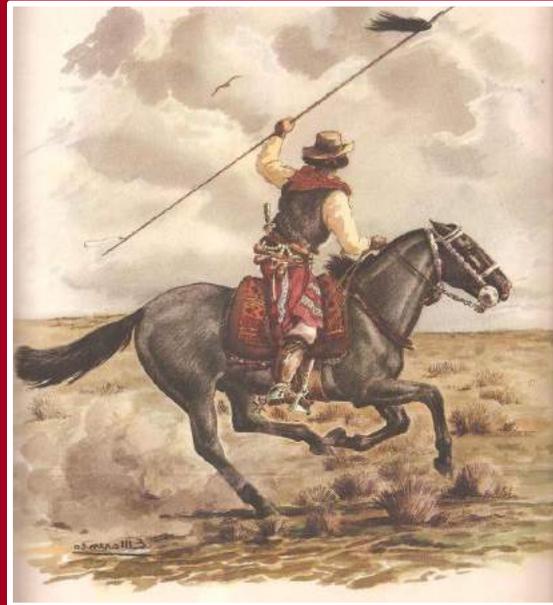
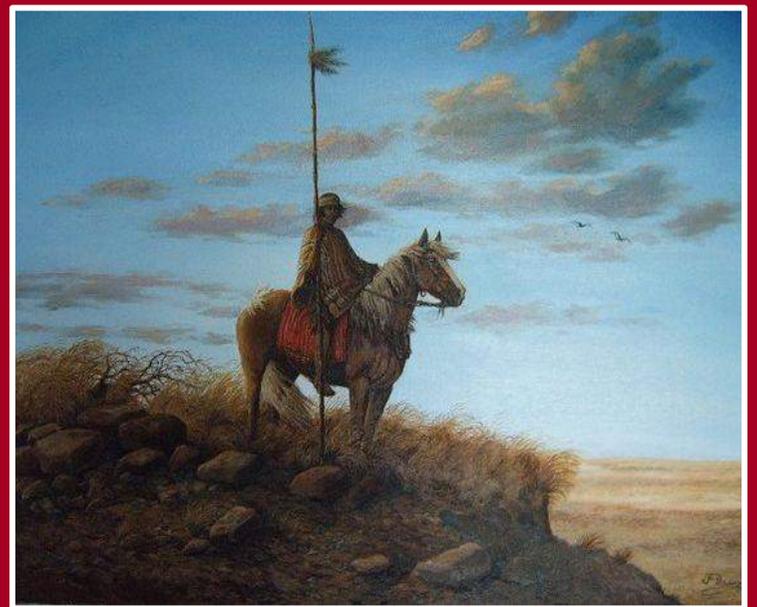
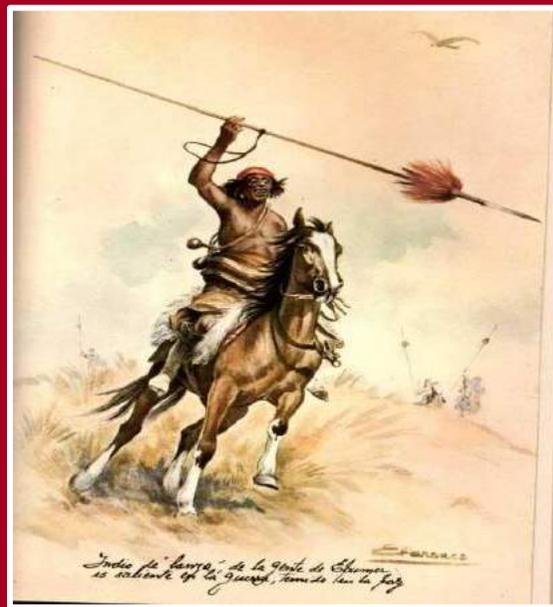






# Indígenas





## Os de Sabre e os de Lança!!!!!!

Quando as éguas já não dêem mais potros;  
Nem se escutem os relinchos de um cavalo;  
Quando nenhum talão de bota bater esporas;  
Nem em cumprimento, nem por elegância, bem da Cavalaria!

Quando não se levante mais o pó;  
Da Cavalaria intrépida em carga;  
Quando já ninguém mais compreender nada de cavalos;  
De clarins, de sabres e nem de lanças.

Quando já se tenham ido para sempre;  
Os Centauros, os Ginetes de minha RAÇA;  
Os que por honra faziam a guerra;  
Os que por amor honravam a PÁTRIA.

Os que na luz do sol davam a vida;  
E na luz da lua serenatas;  
Os de histórias de amores e de entreveros;  
OS DE SABRE E OS DE LANÇA.

Quando já não se tenham ido para sempre;  
Com a glória altissonante dos clarins;  
E o último ginete tenha morrido;  
Delirando com suas cargas e fanfarronices.

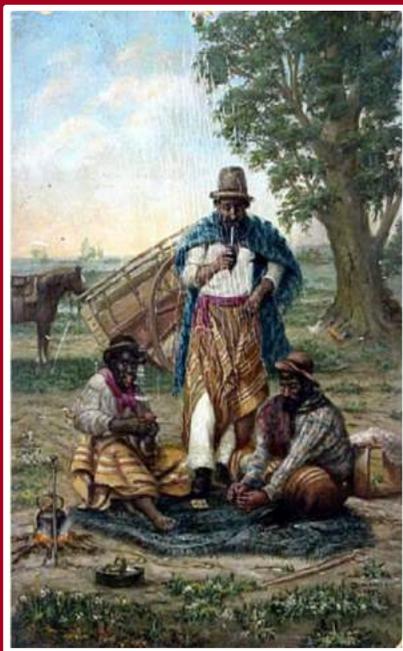
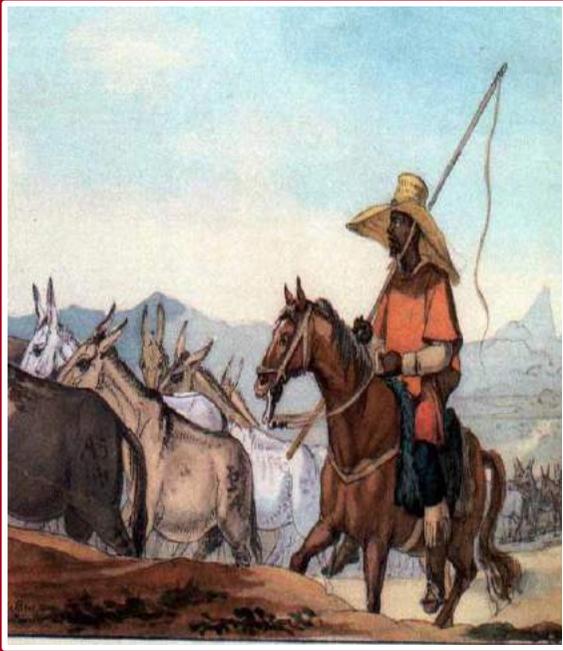
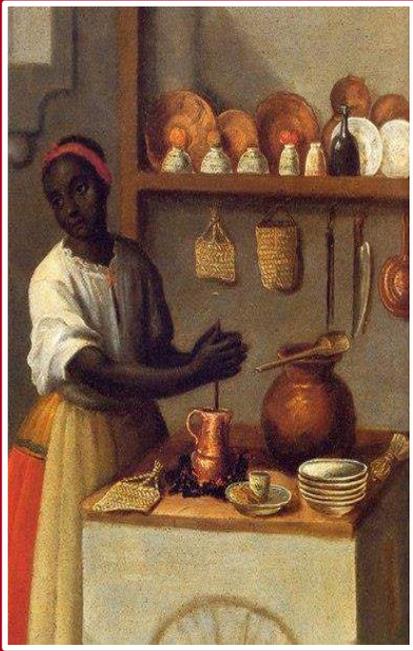
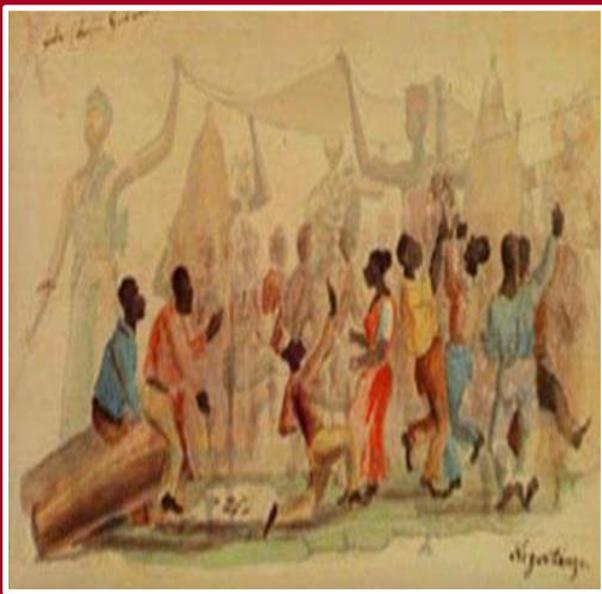
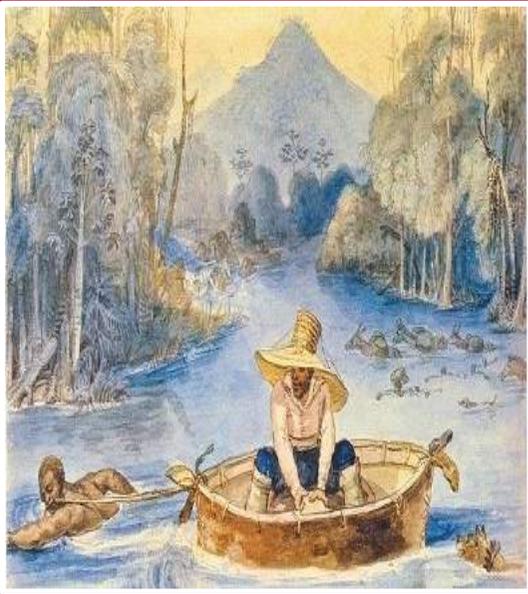
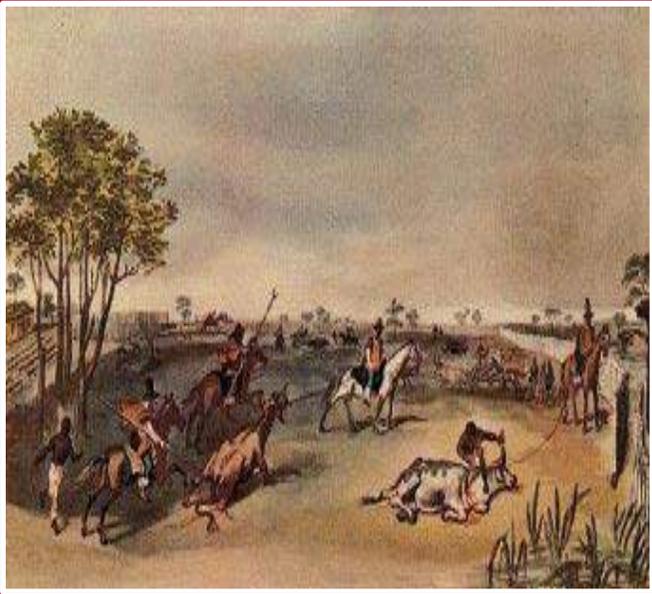
Eu sei, aonde se poderá encontrá-los;  
Com suas cargas, seus cavalos e suas lanças;  
E só eu sei onde estarão então;  
OS DE SABRE E OS DE LANÇA.

Os acharei então no céu da glória;  
No mundo infinito das almas;  
Porque este mundo lhes ficou muito pequeno;  
Para mais céleres de suas cargas.

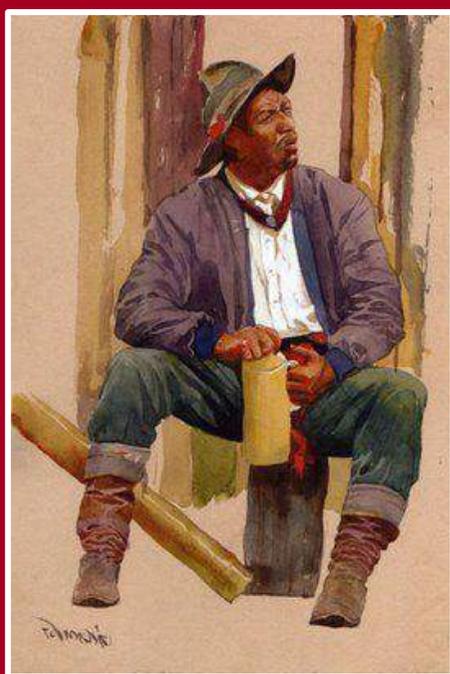
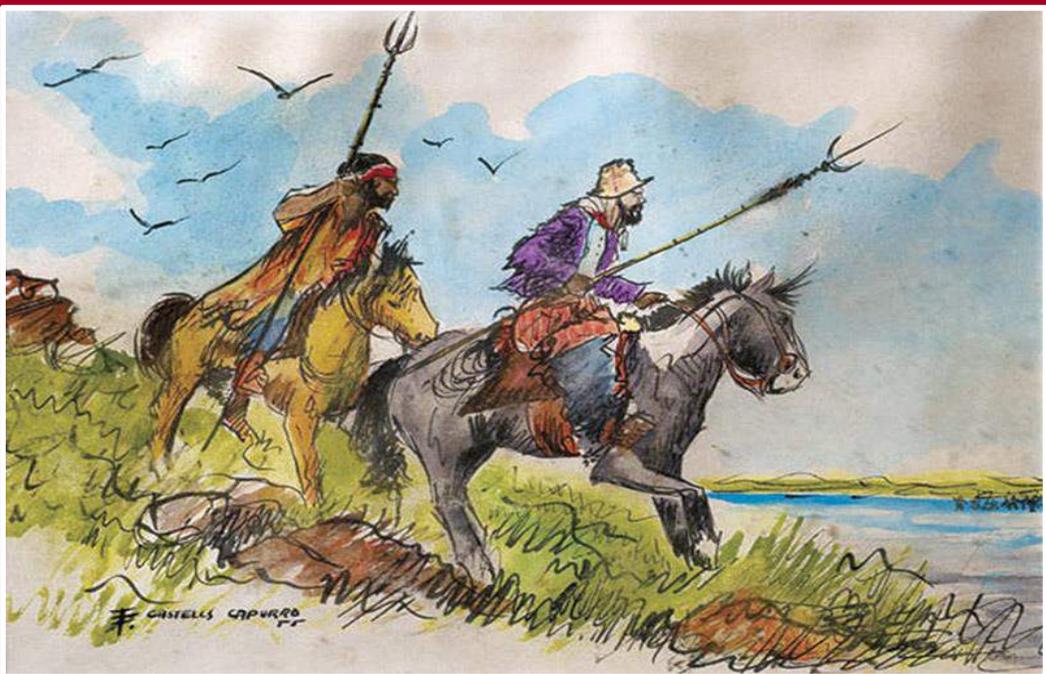
Bem distante estarão os ginetes no vento;  
Levando os relâmpagos do céu por lanças;  
E ferindo formações de nuvens com seus sabres;  
Usando as estrelas como rosetas.

Fazendo trepidar o mesmo céu;  
Em cargas impetuosas, arrojadas e ousadas;  
Eternamente para o nada;  
Distantes, lá estarão muito próximos de Deus!  
OS DE SABRE E OS DE LANÇA!!!!!!

*Autor Desconhecido.*



# Africanos



# Lanceiros Negros

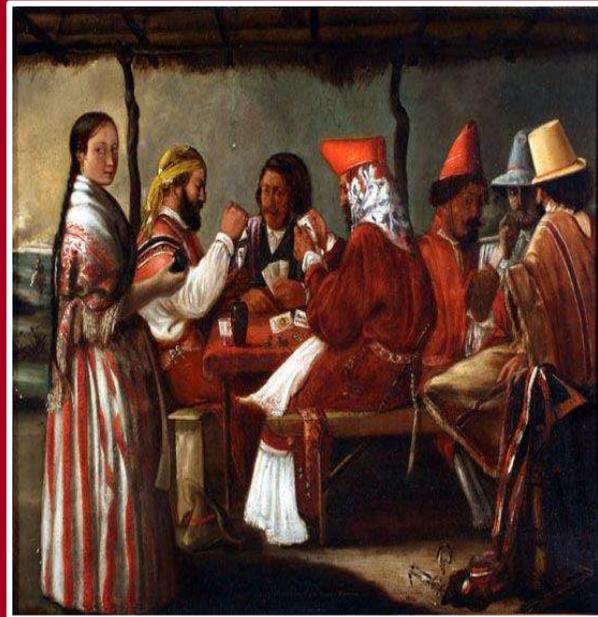
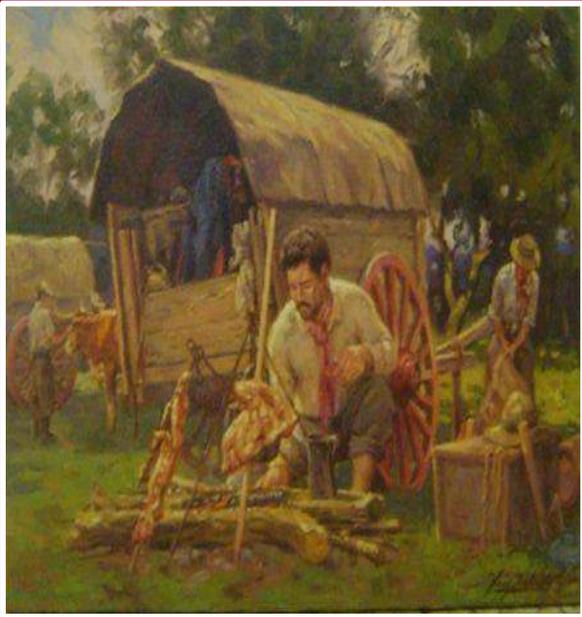
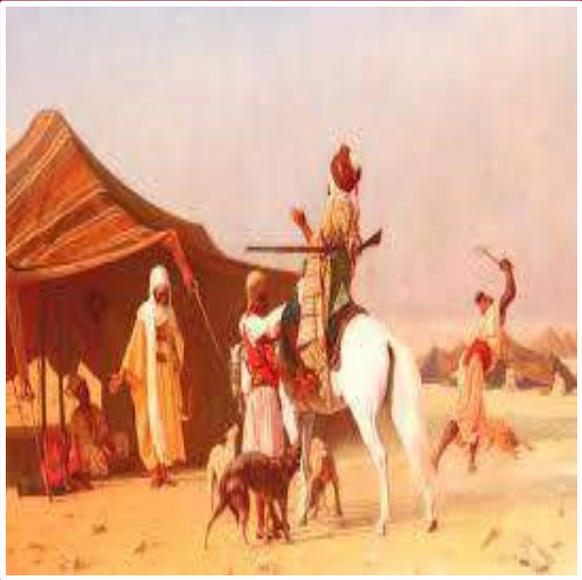
# Somos todos Criollos!

*Crioulo* é o termo usado para designar uma língua que surge da mistura de línguas, em geral um idioma europeu, do colonizador, e outros africanos ou asiáticos, dos povos dominados. Essas línguas crioulas surgiram em regiões do Novo Mundo. A linguística nos aproximou do significado original da palavra “crioulo”, podemos pegar um atalho através de seu significado espanhol. Criollo era o branco nascido nas colônias hispano-americanas, em oposição aos nascidos na Espanha.

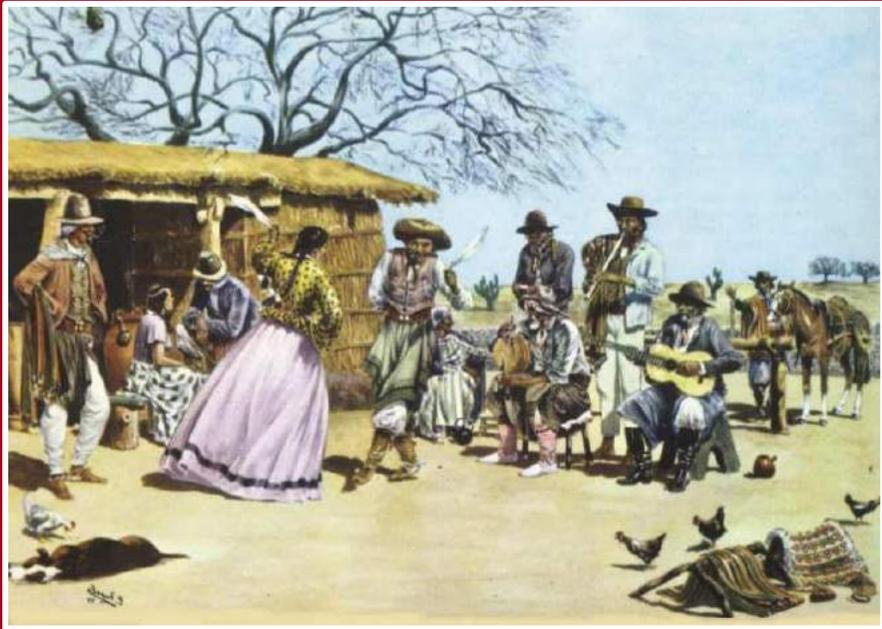
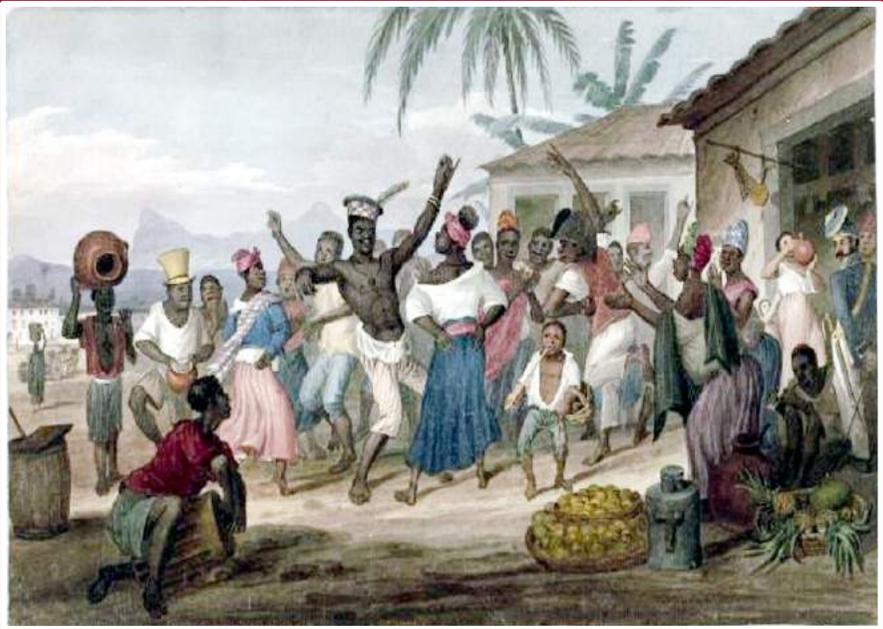
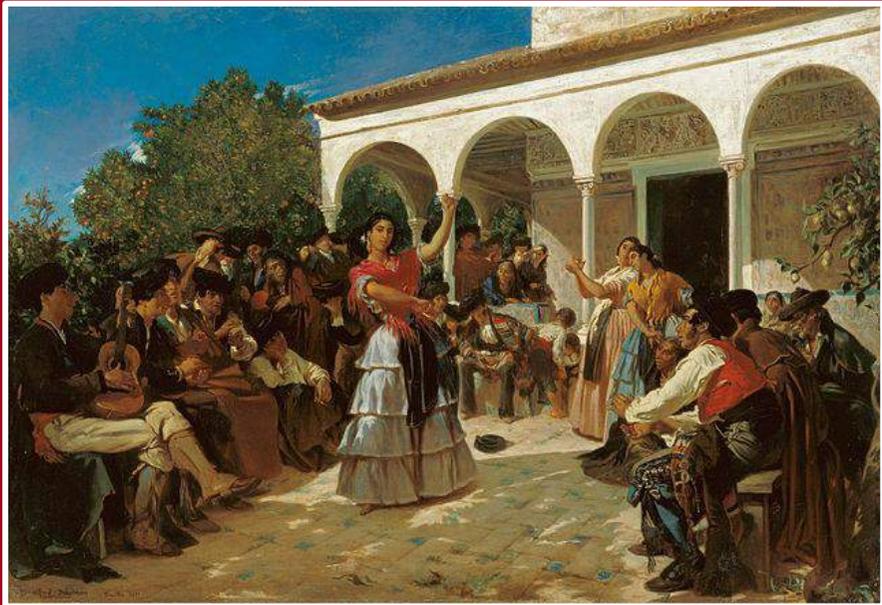
A etimologia mais aceita para o termo tem, de fato, sua origem em “cria”, substantivo derivado do verbo “criar”. A explicação do processo pelo qual se chega a “crioulo” é controverso, mas se acredita que o termo seria usado inicialmente para denominar os animais nascidos e criados na casa do seu dono. A evolução semântica costuma caminhar no sentido do particular para o geral, daí o qualificativo “nascido no lugar” passar a ser empregado também para seres humanos.

No Brasil o termo foi usado com os escravos, assim havia o “escravo de nação” nascido na África e o “escravo crioulo” nascido no Brasil, filho de mãe africana com pai africano ou mesmo com pai capataz ou senhor. Em razão dos maus tratos que os escravos recebiam e do impedimento do tráfico negreiro, em pouco tempo quase todos os escravos passaram a ser crioulos...

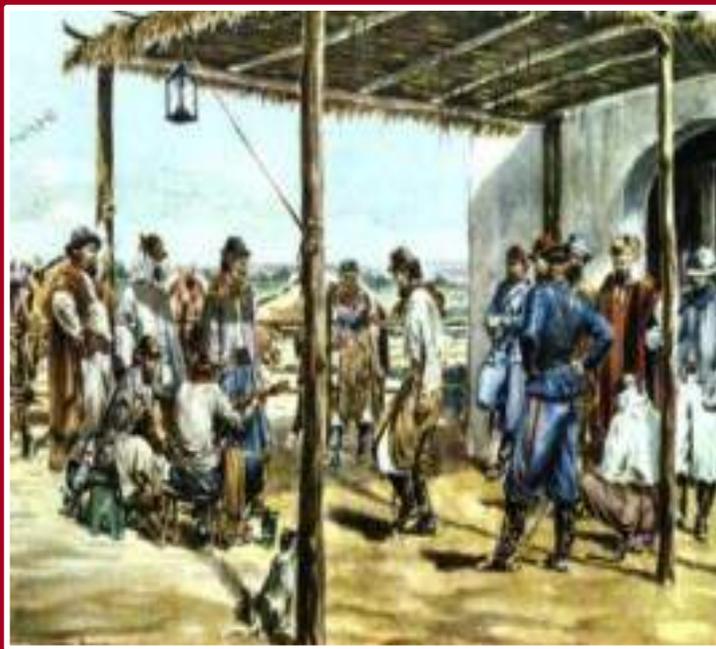
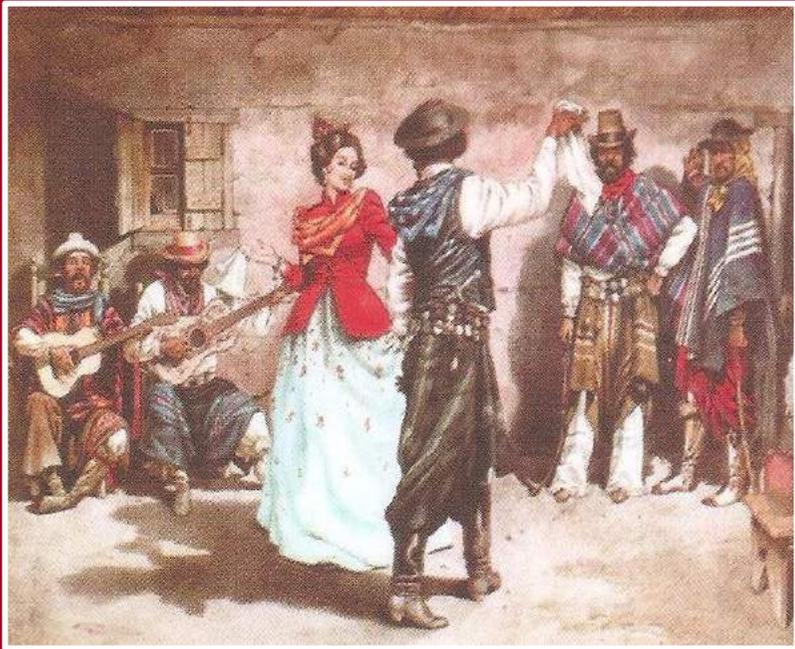
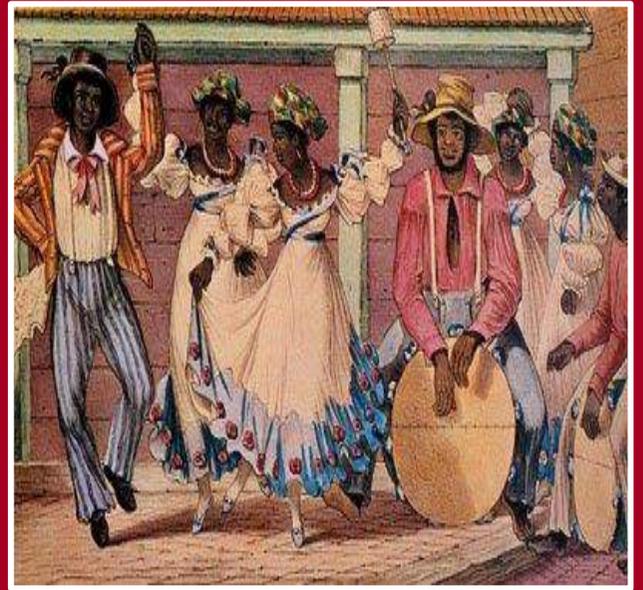
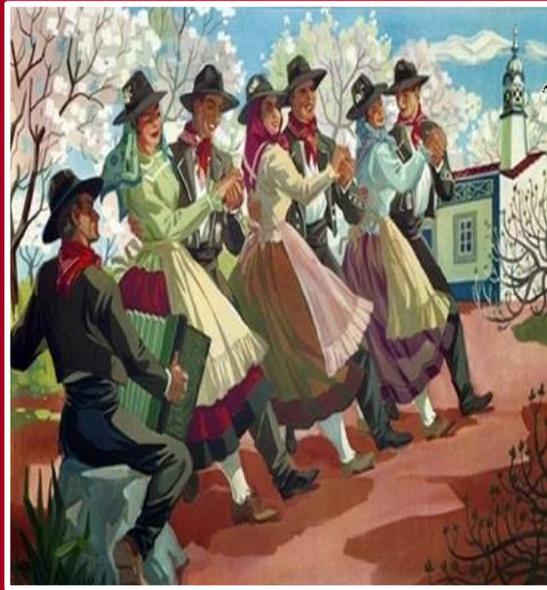
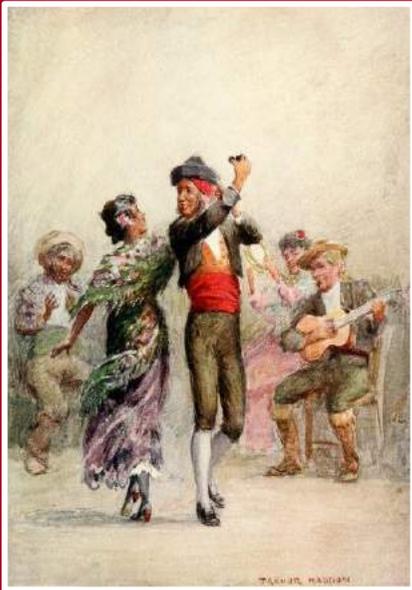
Portanto, se crioulo significava “nascido no exterior” em oposição a “nascido na terra natal” (no caso, África ou Europa), a exceção dos indígenas, essa denominação deve ser aplicada a todos que vieram nascer no Brasil, sejam os filhos de italianos, portugueses, alemães, japoneses, libaneses, coreanos ou poloneses, todos que aqui nasceram e criaram essa sociedade plural e única, enfim somos todos crioulos!!

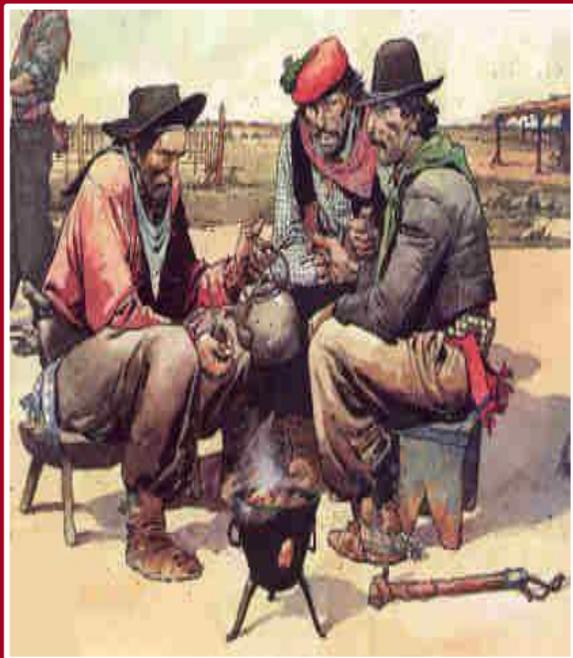
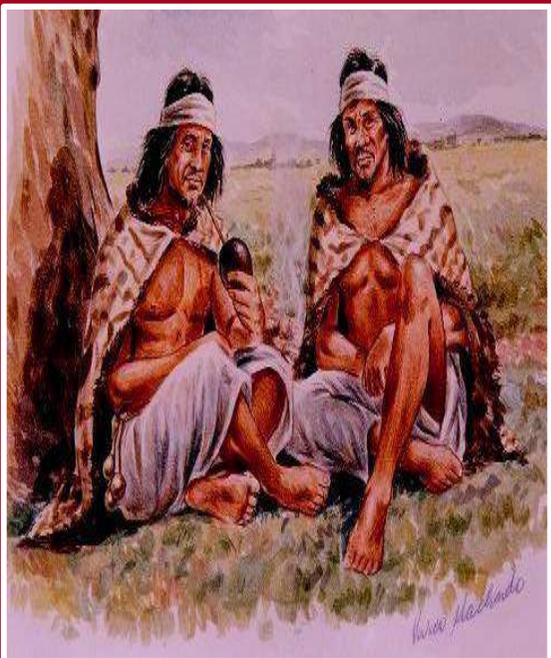
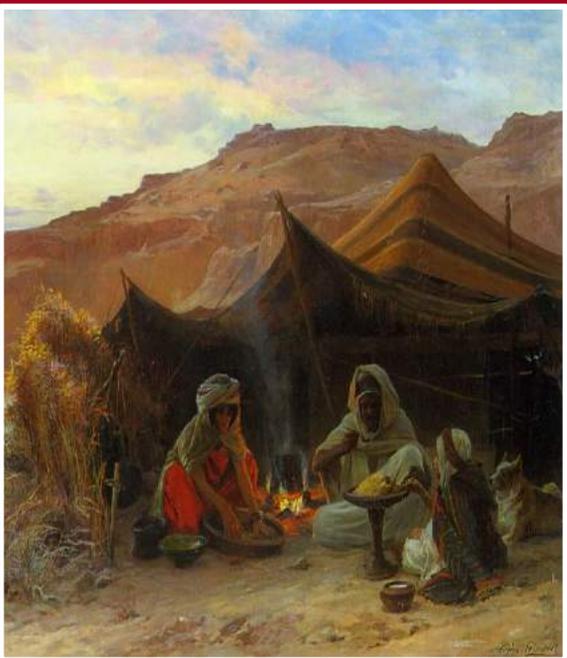


# Costumes



# Danças





# O Chimarrão

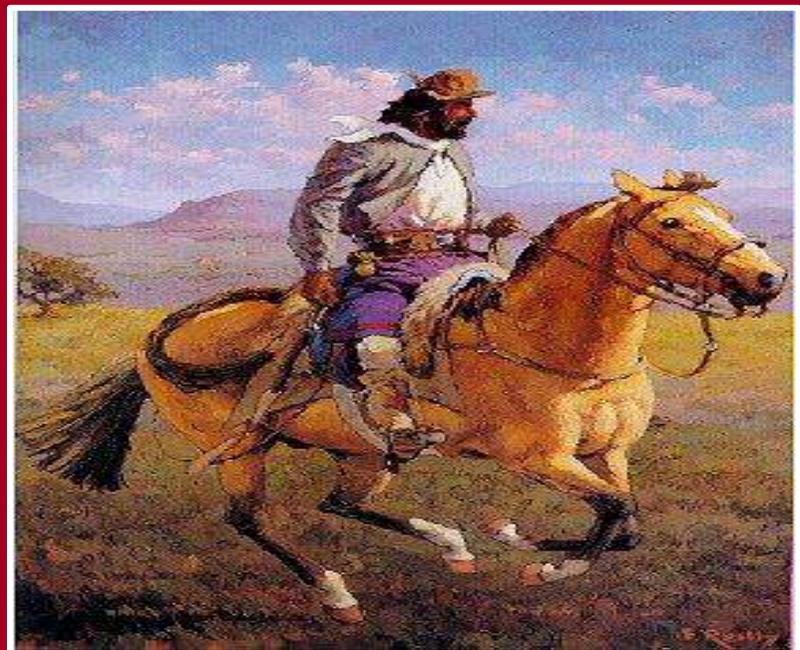
*Os Sírios e Libaneses são considerados os maiores consumidores de chimarrão no Oriente Médio e talvez até mesmo em todo o mundo, depois dos habitantes da América do Sul, o continente original da bebida preparada com Erva Mate.*

*No século XIX, o Brasil e a Argentina receberam muitos imigrantes sírios e libaneses que fugiam dos conflitos e guerras civis em seus países. Uma vez instalados aqui, adquiriram vários hábitos locais. Um deles foi o de consumir com frequência o chimarrão.*

*Quando retornavam às suas terras natais para visitarem parentes, levavam os novos costumes que conquistaram os habitantes locais. O chimarrão foi um dos principais itens desse intercâmbio cultural, principalmente dos que viviam na Argentina. É por isso que a bebida, para eles, remete a momentos felizes de reencontros entre amigos e familiares.*

*Hoje é praticamente impossível entrar em uma casa síria do litoral, das aldeias do Qalamun ou até mesmo da capital Damasco sem receber as boas vindas com belíssimas badejas de prata com detalhes dourados, sobre elas uma pequena cuia “Joze”, muito menor que aquela com a qual estamos acostumados no Brasil, a bomba “Massa” e o bule de água sempre cheio. Junto à bandeja do chimarrão, parece ser indispensável a presença de bolos e biscoites*





# O Cavallo

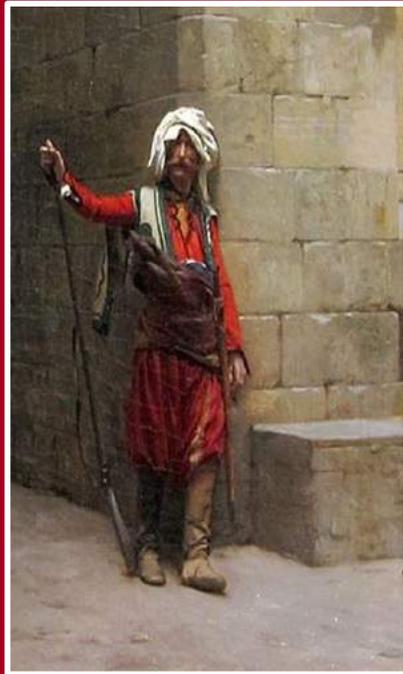
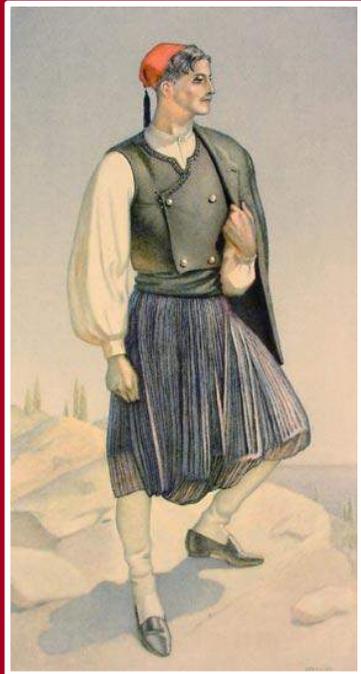
O cavalo Crioulo tem sua origem no território da Península Ibérica. As principais raças de cavalos criadas na região eram originárias de duas principais linhagens encontradas no planalto do Himalaia: o *Equus Caballus Asiaticus* (raça Ariana, que deu origem ao Árabe) e o *Equus Caballus Africanus* (raça Mongólica, que deu origem ao primeiro Bérbere).

O Bérbere habitou o norte da África e, através das rotas migratórias, foi o primeiro a atingir o sul da Espanha. Dada às condições excepcionais do solo e do clima do sul da Espanha, o cavalo Bérbere primitivo teve grande desenvolvimento. Os povos que dominaram a Península influenciaram sua cultura equestre em distintos níveis, sendo que as principais influências vieram dos povos Celta, Cartaginês, Bárbaro e, principalmente, do Muçulmano.

Durante a Reconquista, os cristãos usaram cavalos de grande porte, indispensáveis para suportar a carga dos cavaleiros armados e outra ligeira cópia da notável e aguerrida cavalaria muçulmana, surgindo assim os cavalos Andaluzes. Os cavalos Andaluz e Bérbere foram raças escolhidas para cruzar o oceano com Cristóvão Colombo, na ocasião de sua segunda viagem à América, em 1493. Além de estarem próximos às regiões portuárias de onde as expedições saíam, eram os mais aptos a afrontar as dificuldades do novo continente.

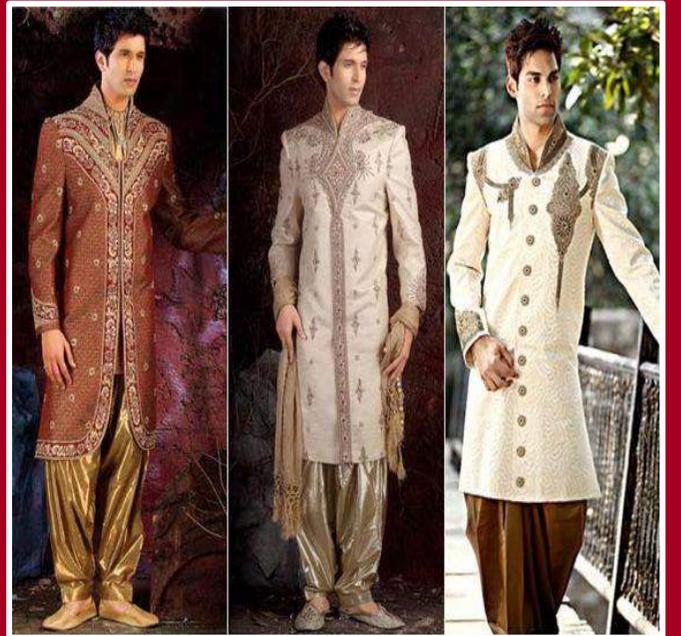
Na expedição de Pedro de Mendonza ao Rio da Prata, em 1535, para fundar Buenos Aires, havia 72 equinos. Outro importante desbravador, Cabeza de Vaca chegou a Santa Catarina em 1541, com 46 cavalos da Espanha. Com eles, atravessou o território brasileiro até Assunção, capital do Paraguai, onde em seguida, os cavalos foram introduzidos no chaco argentino para depois atingirem o Rio da Prata.

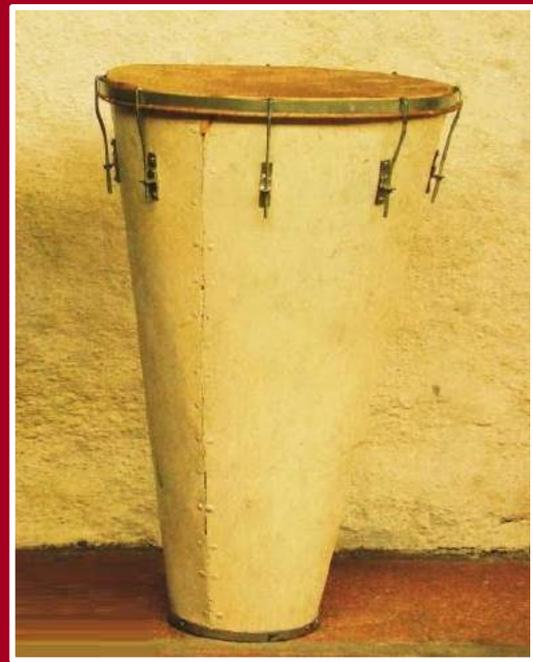
A partir do século XVII, muitos cavalos foram perdidos ou abandonados ao acaso. Passaram a ser criados de forma livre, formando inúmeras cavalhadas selvagens distribuídas pela imensidão da América, entre suas cordilheiras e pampas. Durante o período de formação da raça, as inúmeras manadas, espalhadas pelo novo continente, tiveram destinos diferentes. Os Crioulos, da forma como hoje são conhecidos, ficaram concentrados no sul da América, sendo, por cerca de quatro séculos, forjados através da seleção natural: foram perseguidos por homens e predadores, passaram sede e fome e precisaram aquecer temperaturas extremas, desde as rigorosas geadas do inverno até o forte sol do verão.



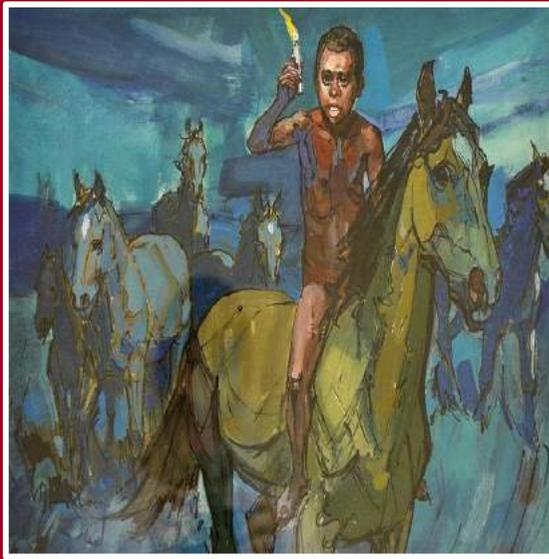
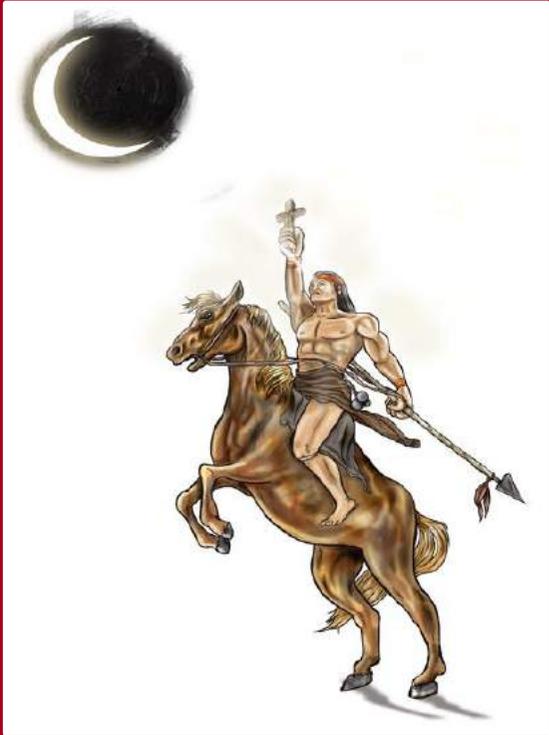
ARGENTINE INFANTRY  
1: Fusiler, Line Infantry, 1865  
2: Cazador, Line Infantry, 1867  
3: Fusiler, "Legión MBlaz", 1865  
4: Fusiler, 1st Natl Od Bn of Corrientes, 1866

# A Bombacha

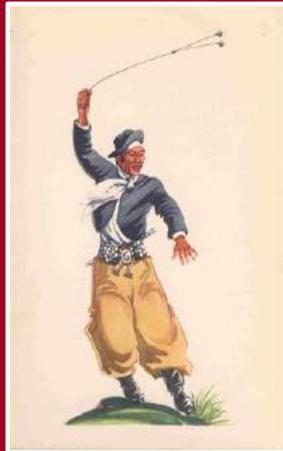
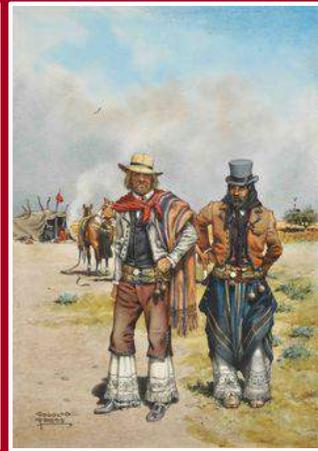
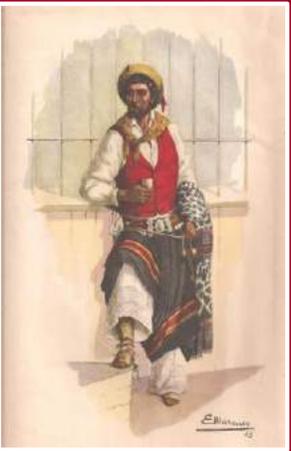
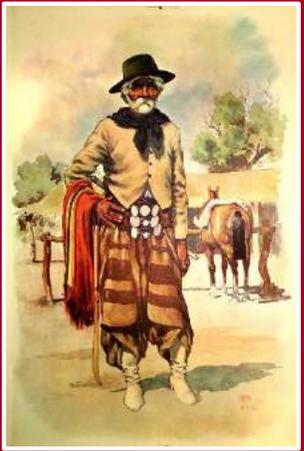
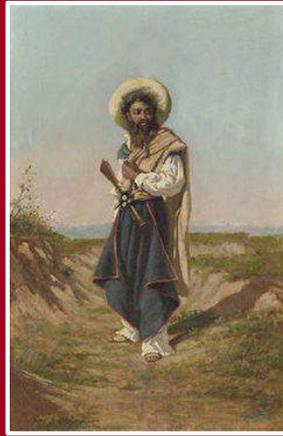
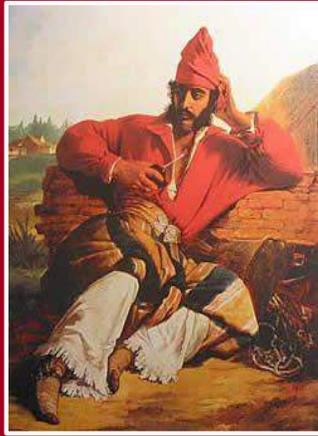
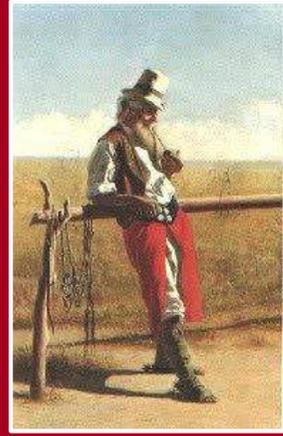




# Instrumentos



# Lendas



# Gaúchhos

# MILONGA MOURA

*Um passado otomano, neste sul-americano...  
Português e castelhano!  
Nessas tendas da fronteira, telas de seda vermelha...  
E chibeiros mascateando!*

*A bombacha de riscado! Fundo negro salpicado  
Cor do pêlo desses potros!  
Um cordeiro bem carneado, o vinho tinto chibeado...  
Do agrado desses mouros!*

*Mais de mil e uma noites, e os encantos do Rio Grande  
Convidando pra sonhar!  
Quando o sonho é verdadeiro, um gênio véio pampeiro  
Faz o baixeiro voar!*

*Sabemos muito bem que por aqui também  
Circula esse sangue mouro...  
No vai-e-vem da linha, a gente troca uns pilas  
Por seda, prata e ouro!*

*Quarto de Lua crescente; a Estrela do Oriente...  
Neste céu ocidental!  
E aquela princesa moura, no corpo de uma serpente...  
Lá no Cerro do Jarau!*

*Mais de mil e uma noites, e os encantos do Rio Grande  
Convidando pra sonhar!  
Quando o sonho é verdadeiro, um gênio véio pampeiro  
Faz o baixeiro voar!*

*João Stimamílio*

*Pesquisa e Elaboração: Tiago Coimbra  
Revisão: Luiza Araujo*